

.....

O presente artigo tem o objetivo de discutir a questão da pesquisa em educação e especificamente em educação infantil, apontando para a lacuna existente em relação à história da escola, dos métodos pedagógicos, enfim das questões relacionadas ao cotidiano escolar vivenciado pelos agentes dessa instituição: pais, alunos e professores. Assim, descreve alguns aspectos de uma pesquisa a respeito da política de educação pré-escolar em Mato Grosso do Sul- que inicia-se nos anos 70, a partir do projeto implantado pela Secretaria Estadual de Educação denominado *Casa-escola infantil do bom senso* e que baseava-se no método Montessori. Teve como fonte principal os relatos orais de professoras que trabalharam no período, a observação do espaço físico das salas de pré-escolas, fotografias da época e alguns documentos escritos.

Palavras chaves: Educação infantil, Método Montessori,
Mato Grosso do Sul – anos 70,
Casa-escola infantil do bom senso

This article attempts at discussing the question of research in education and specifically in child education, stressing the lacuna existing regarding the history of schooling, pedagogical methods, in short, questions related to daily life in schools as experienced by the agents of this institution: parents, students and teachers. Thus, some aspects of a research project are described with respect to the politics of pre-school education in Mato Grosso do Sul – initiated in the 1970s, with the project begun by the State Secretariat for Education, called the Sensible Home-Children's School, founded on the Montessori Method. Its basic research source were the oral reports of teachers working during this period, the observation of the physical space of pre-schooling classrooms, photographs of the epoch and some written documents.

*Keywords: Child Education; Montessori Method;
Mato Grosso do Sul – 1970s,
the Sensible Home-Children's School.*

Fatos e Fotos na Educação Infantil em Mato Grosso do Sul: Anos 70*

Anamaria
Santana da Silva

Professora do Depto de
Educação do
Centro Universitário de
Corumbá/UFMS e
doutoranda da
FE/UNICAMP

Algumas palavras iniciais

O presente artigo tem o objetivo de discutir alguns pontos relativos à metodologia utilizada numa pesquisa a respeito das origens da educação infantil no estado de Mato Grosso do Sul.

Refere-se a um projeto implantado pela Secretaria Estadual de Educação nas escolas do estado de Mato Grosso¹, durante os anos 70, que previa a instalação das “*Casa- escola infantil do bom senso*” e que pode ser considerada a primeira iniciativa pública de incentivo à educação pré-escolar naquele estado. Tratava-se de uma proposta baseada no método montessoriano e que foi implantada com a preocupação de garantir espaço físico e mobiliário próprios para as crianças

* Esse texto foi elaborado a partir dos resultados de uma pesquisa realizada para a publicação de um livro sobre experiências pioneiras em educação infantil nos diversos estados do Brasil (MONARCHA, Carlos (org) Educação da infância brasileira: 1875-1983. Campinas: Autores Associados- FAPESP, 2001) e contou com a colaboração de Mariete Félix Rosa.

¹ O estado de Mato Grosso foi dividido em 1979, sendo criado o estado de Mato Grosso do Sul.

pequenas, material montessoriano e formação permanente para as professoras envolvidas no trabalho.

A pesquisa procurou descrever o trabalho pedagógico realizado com as crianças, as concepções de criança e de infância presentes no projeto, o espaço físico da *casa-escola*, os cursos e a formação das professoras, o trabalho da

sua função burocrática, pragmática; é difícil o administrador público que tenha clareza do seu valor histórico. Por outro lado, os arquivos históricos são raros e funcionam muito precariamente. Assim, nos dias de *faxina* da escola tudo o que não é *útil* é jogado fora.

No entanto, se por um lado, a quase ausência de material escrito foi um problema, por outro, foi o impulso que nos levou a enfrentar o desafio de trabalhar com outras fontes de pesquisa, quais sejam os relatos orais, a observação do espaço físico das salas de pré-escolas e as fotografias.

É a respeito dessa metodologia que farei algumas reflexões.

Tradicionalmente, os pesquisadores em história da educação tem recorrido aos documentos escritos como a única ou principal fonte de dados de suas pesquisas. Entre a história oral e a documental, dificilmente um historiador consideraria a primeira tão importante e segura quanto a segunda. (Martins, 1993)

Esse privilégio das fontes escritas e dos documentos oficiais tem como consequência, a exclusão da possibilidade de se escrever e conhecer a história de uma grande parcela da população.

Segundo Martins,

“são os que em público ou diante do estranho permanecem em silêncio: as crianças, os velhos, os agregados da casa, os dependentes, as mulheres. Ou os mudos da história, os que não deixam textos escritos, documentos”. (p. 16)

A partir desse problema, vários estudiosos vêm repensando as formas de se fazer pesquisa histórica e mudanças significativas vem sendo experimentadas no sentido de se redefinir os métodos, as fontes e os documentos que podem ou devem ser considerados e que possam inserir novos personagens, novos dados ou até mesmo novas inter-

Esse privilégio das fontes escritas e dos documentos oficiais tem como consequência, a exclusão da possibilidade de se escrever e conhecer a história de uma grande parcela da população.

equipe de coordenação, a participação dos pais, a clientela atendida. Além disso, discutir a respeito do papel que essa proposta exerceu sobre os rumos da pré-escola no estado de Mato Grosso do Sul.

Considero que essa pesquisa insere-se no conjunto maior de pesquisa que têm procurado compreender as origens da educação infantil no Brasil: quais os teóricos que exerceram (ou exercem ainda) influências no trabalho cotidiano na pré-escola; como as professoras vêm construindo um conjunto de conhecimentos e de práticas a respeito da educação das crianças pequenas; quais as categorias básicas para se compreender a especificidade do trabalho com crianças de 0 a 6 anos de idade.

Assim, a pesquisa iniciou-se com uma visita a três escolas² onde o projeto foi desenvolvido: Centro Educacional *José Rodrigues Alves* (em Aquidauana), Centro Educacional *Júlia Gonçalves Passarinho* (Corumbá) e Centro Educacional *Lúcia Martins Coelho* (Campo Grande).

Nas três escolas visitadas não foi encontrado nenhum material escrito; esse é um problema no qual se esbararam os pesquisadores: nos órgãos públicos, um documento existe apenas pela

² O projeto foi implantado nos Institutos de Educação das quatro principais cidades do antigo estado de Mato Grosso; a presente pesquisa abrangeu as cidades que pertencem atualmente ao estado de Mato Grosso do Sul.

pretações de fatos já conhecidos ou conhecidos parcialmente.

Cambi (1999) afirma que a partir dos anos 60, vem sendo desenvolvido um modo radicalmente novo de se fazer história. Ele aponta três revoluções na historiografia:

“A primeira referiu-se aos métodos e afirmou sua liberalização e seu radical pluralismo. A segunda tratou do tempo, dando vida a uma visão pluralista e dialética do tempo histórico. A terceira voltou-se para os documentos, ampliando essa noção articulando-a e desenvolvendo uma nova percepção das fontes e uma nova organização dos arquivos. Dessas três revoluções, amadureceu uma imagem crítica da história que trouxe à luz o pluralismo das abordagens e a complexidade de sua fisionomia, assim como a dialética do tipo de pesquisa que vem investigá-la.” (p. 29)

Ginzburg (1987) no prefácio à edição italiana de *O queijo e os vermes* discute as mudanças que estão ocorrendo na pesquisa histórica e afirma:

“No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as ‘gestas dos reis’. Hoje, claro não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. ‘Quem construiu Tebas das sete portas?’ - perguntava o ‘leitor operário’ de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso.” (p.15)

Na área da história da educação, essas mudanças também estão ocorrendo, mas durante muito tempo predominaram os estudos que se preocupavam apenas com os aspectos relacionados ao sistema educacional, aos projetos e programas oficiais e à legislação. Assim, ainda há uma lacuna que aos poucos está sendo percebida e preenchida ao se pensar a história da escola, dos métodos pedagógicos, enfim das questões relacionadas ao cotidiano escolar vivido pelos agentes dessa instituição: pais, alunos e professores.

Um exemplo recente é o trabalho de Faria Filho (2000) que, ao estudar a escola primária pública de Belo Horizonte no início do século XX utiliza-se dos relatórios dos diretores dos grupos escolares, e dos inspetores da instrução pública, além de cartas, ofício circulares e despachos encontrados no Arquivo Público Mineiro.

Segundo o autor,

“Por meio desses documentos, tivemos acesso a novos personagens da educação pública mineira. Creio ser um outro aspecto bastante positivo da pesquisa, acessa não apenas, nem fundamentalmente, as autoridades do ensino ou mesmo aqueles inspetores e diretores mais conhecidos. Estão aqui presentes em boa parte, muitas das pessoas que mais produziram a educação pública escolar mineira através de uma intensa atividade de apropriação das discussões e práticas pedagógicas que se produziram no Brasil e no exterior.” (p.16)

Quando se trata da educação infantil, essa lacuna é ainda mais visível, pois a educação das crianças pequenas é considerada uma questão menor e sempre esteve à parte do sistema oficial de ensino. Somente com a Constituição de 88, a educação infantil passa a fazer parte do sistema educacional, portanto até então, o atendimento a essas crianças ocorria a partir de projetos e programas temporários, com caráter experimental, sem a preocupação com a continuidade. Assim, é muito difícil (às vezes impossível) encontrar dados a respeito da educação das crianças menores de 7

Cambi afirma que a partir dos anos 60, vem sendo desenvolvido um modo radicalmente novo de se fazer história. Ele aponta três revoluções na historiografia...

anos de idade nos documentos e relatórios dos órgãos oficiais principalmente nos anos anteriores à década de 80.

Alguns pesquisadores³ a partir da contribuição de diversas ciências como

³ Na área da educação infantil podemos citar alguns autores como Sonia Kramer, Tizuko Kishimoto, Moisés Kuhlmann, Ana Lúcia Goulart de Faria, entre outros. Ver MEC. *Bibliografia Anotada*, 1995.

a sociologia, a antropologia e a história, vêm tentando romper com essa limitação e construindo um conjunto de conhecimentos a respeito da história da educação brasileira que inclua a história das crianças, dos professores, enfim dos sujeitos da história.

Segundo Demartini (1995)

“trabalhar com relatos orais de professores seria uma forma de acrescentar novas versões e indagações à pouco conhecida história da educação de diferentes segmentos da população brasileira e à própria história do funcionamento do sistema educacional” (p.7).

Assim, a história oral surge como uma possibilidade de trazer à tona e registrar acontecimentos, experiências, saberes, histórias de pessoas ou grupos que por motivos diversos ficaram à margem da história oficial.

Segundo Oliveira (1999)

“a história oral é parte da pesquisa na Sociologia, na Antropologia, na Psicologia, na História, enfim, ampliou espaços e ganha cada dia mais reconhecimento como possibilidade de contar e contribuir com a história que está sendo feita, vivida, por toda a sociedade”. (p.60)

Segundo Thompson (1992)

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria vida e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (...)Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (p. 44).

Hoje, o debate sobre os rumos da história oral é bastante amplo; muitas questões são levantadas a respeito dos limi-

tes e possibilidades dessa forma de se fazer pesquisa. Esse artigo não tem a pretensão de discuti-las profundamente

e sim apenas de apontar alguns aspectos que foram percebidos durante a realização da referida pesquisa.⁴ Quando se trabalha com relatos orais, o material da pesquisa vai se constituindo durante o processo, os informantes sempre têm um nome para indicar, um documento, um material escrito ou uma foto para mostrar, o que enriquece e complexifica o trabalho.

A diversificação das fontes ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades do trabalho, traz novos problemas pois exige um exame mais criterioso do material, a comparação entre as informações e a busca de outras fontes que possibilite o confronto das afirmações.

A visita às escolas proporcionou, primeiramente, localizar as professoras que trabalharam no período e observar o espaço físico das salas de aula.

As vozes:

histórias, momentos e lamentos

Foram realizadas entrevistas com 8 professoras: 3 conversaram por telefone e outras 05 nos atenderam pessoalmente. Foram professoras que trabalharam no período, tanto na coordenação do projeto como em sala de aula.

As entrevistas foram individuais, semi-estruturadas que partiam das seguintes questões: Fale um pouco da experiência da casa-escola. Como era o cotidiano das salas?

Qual a importância da casa-escola para vc?

Mais importante do que as perguntas, foi o diálogo que se estabeleceu entre pesquisador e

pesquisado pois nesse tipo de trabalho, as questões vão surgindo para ambos e é no processo que as idéias vão se orga-

Assim, a história oral surge como uma possibilidade de trazer à tona e registrar acontecimentos, experiências, saberes, histórias de pessoas ou grupos que por motivos diversos ficaram à margem da história oficial.

tes e possibilidades dessa forma de se fazer pesquisa. Esse artigo não tem a pretensão de discuti-las profundamente

⁴ Oliveira (op.cit.) faz uma discussão interessante sobre história oral e cita os seguintes autores: BOSI, THOMPSON, HALBWACHS, QUEIRÓZ, ROUSSO, JOUTARD, PRIORE, DEMARTINI, GLAT, AMADO & FERREIRA, SIMSON, MEYHY, PORTELLI, ALBERTI, FERREIRA.

nizando, fazendo surgir dados, opiniões, avaliações. Houve, também os silêncios, as respostas deixadas para depois, os telefonemas posteriores para esclarecer uma ou outra questão. As professoras entrevistadas ressaltaram o fato de que nunca haviam tido a oportunidade de falar sobre a experiência e consideraram a pesquisa muito importante.

Demartini (op. cit.) ressalta que o relato oral só existe quando há uma escuta que tem de ser atenta, cuidadosa e paciente.

Por sugestão de uma das professoras entrevistadas, realizamos um encontro com algumas professoras do projeto em Campo Grande; o que foi uma experiência muito interessante pois, além de *mataram as saudades*, as professoras trocaram idéias, fotos e forneceram muitas informações para a pesquisa.

No conjunto de depoimentos, uma questão a ser destacada é a presença marcante da subjetividade. Como trabalhar com pessoas e menosprezar essa dimensão? Como garantir a objetividade dos dados?

Segundo Oliveira (op.cit)

“Considerando toda a subjetividade presente e a necessidade da objetividade, caminhamos na mediação entre essas questões inspirando-nos na fala de ELIAS (1997), quando ele trata das relações de envolvimento e distanciamento do objeto da pesquisa, dizendo que esse processo não é tão definido assim, especialmente nas chamadas ciências sociais, pois a vida dos indivíduos que compõem a sociedade está cercada por *processos cegos*, caminhos que os impedem de medir, quantificar, definir, direcionar os rumos de forma clara e objetiva, o imprevisto torna-se parte e alimento das relações sociais e da vida. (p.73)

Assim, seguindo o caminho da autora acima citada e enfrentando a difícil questão da objetividade/subjetividade, consideramos que os relatos das professoras foram fundamentais para o levantamento de dados e para organização das informações a respeito do projeto *casa-escola infantil do bom senso* (sua

No conjunto de depoimentos, uma questão a ser destacada é a presença marcante da subjetividade.

estrutura e seu funcionamento, as atividades realizadas no dia-a-dia, as reuniões, o trabalho em equipe).

Por outro lado, as informações foram complementadas pelo material escrito que elas tinham guardado e emprestaram para consulta: planejamentos semestrais, anuais, relatórios, e apostilas com orientações teóricas e práticas a respeito do método Montessori, elaboradas pela OBRAPE, instituição que dava os cursos para as professoras e prestava assessoria à Secretaria Estadual de Educação.⁵

Os relatos orais das professoras permitiram apreender aspectos importantes da experiência. Para elas, a experiência foi um sucesso⁶;

“... então ele foi constituído sobre uma proposta de você apresentar um sistema especializado da pré-escola que não existia né, um sistema onde toda a equipe era devidamente capacitada, a equipe era homogênea, uma equipe muito bem trabalhada, tanto é que ela foi criada nos moldes do Montessori.”

Esse sucesso é atribuído principalmente, a três aspectos: dedicação ao trabalho, organização e união da equipe;

⁵ OBRAPE-RJ- Organização Brasileira de Atividades Pedagógicas- dirigida pela professora Talita de Almeida que na época era membro da Associação Montessori Internacional.

⁶ É interessante observar que apenas uma das professoras teceu críticas ao projeto, tanto do ponto de vista do suporte teórico como das atividades práticas desenvolvidas pelas professoras. Ela realçou principalmente os aspectos ligados à alfabetização e afirmou que já naquele momento, não seguia à risca as orientações do método. Acreditamos que o depoimento dessa professora deveria ser aprofundado, porém apesar da nossa insistência, ela não concordou em nos atender pessoalmente.

“Na casa-escola nós tínhamos horário para entrar mas não para sair, a gente ficava até a última criança sair e o último problema a resolver, mas mesmo assim trabalhávamos contentes, não financeiramente, porque o salário era igual ao dos outros, mas só por você ter condições de trabalho e as professoras trabalhavam juntas com a ordenação”.

O trabalho diário com as crianças era organizado a partir do *planejamento por*

Nos relatos das professoras fica explícita a orientação montessoriana dada ao trabalho...

atividades que poderiam ser desenvolvidas de formas variadas: atividades individuais ou em grupo; na linha, no tapete ou nas mesas; livres ou dirigidas; diversificadas ou únicas; fora ou dentro da sala.

Nos relatos das professoras fica explícita a orientação montessoriana dada ao trabalho: a linha, o momento do silêncio, as atividades da vida prática são algumas das propostas da educadora italiana Maria Montessori.

Em todas as salas de aula existia a “linha pedagógica”, um círculo pintado no chão, onde eram realizadas várias atividades. No início do dia, os alunos sentavam na linha para conversar, contar as novidades, contar estórias, conversar sobre os assuntos novos, enfim, conversas informais. Era na linha, também que a professora apresentava um material novo, descrevia suas características, demonstrava como era sua utilização e passava para que cada criança o manuseasse. As atividades envolvendo movimentos como andar, correr, pular (de várias formas) também eram desenvolvidas na linha. A professora realizava os movimentos e as crianças a imitavam.

“quase todas as atividades eram desenvolvidas na linha. Para apresentar por exemplo os blocos lógicos: a professora na linha apresentava um aspecto por exemplo as cores e daí chamava cada criança para fazer o mesmo na

linha, então era ao mesmo tempo uma atividade coletiva e individual”

Todos os dias era realizado o “*momento do silêncio*”. A música também era muito valorizada:

“...cantava-se muito; cantos de rotina, dos dias da semana, das datas comemorativas, para parabenizar algum aluno que estava aniversariando, tudo na linha.”

Outras atividades bastante citadas pelas professoras foram os passeios (realizados a pé ou de ônibus para praças, jardins, museus, e outros pontos da cidade), as festas de aniversariantes do mês,

onde se comemoravam os aniversários das crianças e das professoras e as festas relativas às datas comemorativas.

O planejamento semanal das atividades era feito a partir da seleção dos conteúdos a serem trabalhados (separados por disciplina) e o material montessoriano era utilizado como recurso para “fixar os conteúdos”.

“Nós tínhamos materiais do som, tato. Olfato, gosto, por escala. Por ex. o material de tato, você colocava a mãozinha da criança na água morna, secava, passava talco para aguçar o tato e ia trabalhar normalmente, se iniciava as lixas, tinha a graduação das lixas, das cores, dos pesos para as crianças sentirem na mão as diferenças. Todo material tinha seu conceito, a partir do momento que ele via, que ele tocava à aprendizagem era maior e isso que era legal o retorno era imediato com as crianças. Por ex. a gente tinha um material dourado, o material mais rico do Montessori nele se trabalhava as 4 operações, noção de sinal multiplicação, soma, subtração, as crianças devoravam esse material e vai ver se tinham dificuldades com tabuada nas 1ª e 2ª séries”.

As atividades gráficas sucediam as atividades com os materiais concretos, “*somente depois de bem explorados passava-se para o papel*”. Eram atividades relacionadas à alfabetização, à matemática, às artes plásticas (desenho, pintura, colagem).

“Tinha atividades gráficas, também, onde as crianças antes de passar para o papel, faziam movimentos no ar, fazia no quadro, tínhamos os folhetos de linguagem, os folhetos de mate-

mática, seriados por dificuldades (o 1º folheto, o 2º, ...), todo o material era mandado pela secretaria e tínhamos apostilas que orientavam a aplicação, nós tínhamos toda uma sistemática com trabalho”.

As atividades da “vida prática” eram os momentos em que as crianças realizavam tarefas (individualmente ou em grupo) como varrer a sala, lavar seus guardanapos, passar a ferro pequenas roupas, lavar os utensílios utilizados em sala, lavar as mãos, escovar os dentes, pentear os cabelos, amarrar sapatos, abotoar camisas, trocar de roupa. Para a realização dessas atividades, a sala de aula deveria se parecer com uma casa, possuindo um espelho, uma pia, um tanque, uma tábua de passar roupa.

No entanto, nos depoimentos das professoras foi possível se ler muito mais do que informações a respeito de nomes, datas e números; as falas nos revelaram sentimentos, paixões e valores que nortearam o desenvolvimento do trabalho.

As professoras demonstraram um grande prazer em falar *daqueles tempos*, as entrevistas ativaram memórias, suscitaram lembranças e provocaram *saudades*. Esse diálogo entre as professoras demonstra um pouco desse sentimento:

– Elas traziam de casa, mas na escola também tinha, era opcional, o lanche da tia Chica.....era delicioso... aqueles pastéis.....

– Eu tenho até hoje a receita de uns bolinhos que ela fazia de água, sal e trigo, eu classifiquei de “bolinho do bom senso”
– Bolinho do Bom Senso?

– É eu coloquei esse nome porque não tinha nome e foi lá que eu aprendi. Não passava um aniversário em branco, era serenata, era bagunça, era presente....”

Da mesma forma, quando falam da importância do projeto em suas vidas e carreiras.

“Acho que foi uma fase da minha vida que eu jamais vou esquecer porque tudo o que eu tenho, tudo o que eu consegui de aproveitamento, de conhecimento foi tudo na casa-escola. Eu me formei, fiz faculdade na área de história, mas todo o meu trabalho foi na pré-

escola e na época, a casa-escola me ajudou muito, os cursos que eu fiz, a minha base.”

As professoras que trabalharam na *casa-escola* foram formadas no final dos anos 60/início dos anos 70. Na época, o curso de formação de professoras (curso normal) não incluía em suas disciplinas a questão da educação pré-escolar. Assim, o trabalho na *casa-escola* teve uma importância fundamental na formação das professoras que ali trabalharam; elas relatam que os cursos, as reuniões de planejamento, as discussões com a equipe, enfim, a oportunidade de desenvolver um trabalho nos moldes deste projeto, representou um aprendizado significativo para elas, exerceram uma grande influência em suas carreiras.

“Eu cheguei até 95 na pré-escola fazendo muita adaptação, pegando um pouquinho de cada coisa para se adaptar à sua sala de aula porque uma mudança brusca para quem está acostumado com o método montessoriano, depois vem o construtivista, então você tem que se adaptar. Eu até 1995 utilizei o material montessoriano, o pouco que a gente tinha, eu utilizava nas aulas.”

Ou ainda quando lamentam o fim do projeto e expressam um profundo sentimento de perda e revelam que se sentiram impotentes diante das propostas da Secretaria do Estado.

“O duro é que as pessoas que assumiram acabaram com tudo, não valorizaram nada do que significa isso tudo para nós hoje, aí veio o sistema normal, sem fundamento nenhum, você passava lá e via o material do Montessori

A partir dessas falas, fica evidente um problema que é muito comum na educação pública: cada nova gestão quer sempre implantar novas propostas...

jogado no canto e você sentia a dor, porque você sabia o que custou trabalhar para conseguir e a importância de tudo.”

A partir dessas falas, fica evidente um problema que é muito comum na educação pública: cada nova gestão quer sempre implantar novas propostas não considerando a experiência e o conhecimento acumulado por técnicos e professores.

O espaço: ocupação e significados

Retomando a visita às escolas: a observação do espaço físico das salas de aula⁷, constituiu-se e numa fonte muito rica de informações a respeito da experiência, pois:

“... em todas as instituições de educação infantil para as crianças pequenas de zero a seis anos de idade, o espaço físico expressará a pedagogia adotada...” Faria (1999: 95)

Reafirmando essa idéia Galardini (1996):

“...um espaço e o modo como ele é organizado resulta sempre das idéias, das opções, dos saberes, das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos que o organizaram; é uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças.” (p.106)

As salas de aula da casa-escola foram construídas especialmente para atenderem crianças do *jardim da infância*, num anexo das escolas estaduais; salas muito amplas, com janelas proporcionando ótima ventilação e luminosidade.

A organização do espaço físico foi pensada para que as crianças pudessem satisfazer suas necessidades básicas com autonomia: as pias, os vasos sanitários, a lousa, as mesas, as cadeiras, as estantes com os materiais tinham tamanho e peso que garantiam a livre movimentação das crianças.

... as fotografias auxiliaram a pesquisadora a entender e complementar melhor os relatos, pois permitiram um certo retorno ao passado.

As salas foram equipadas com mobiliário próprio seguindo a linha montessoriana: mesas individuais, me-

sas duplas, mesas de quatro e mesa para o lanche, o *cabide da vida prática*, a *linha*, as estantes na altura das crianças.

A metodologia montessoriana previa que o espaço fosse sendo ocupado, aos poucos, com a participação das crianças e das professoras.

A descrição desse espaço físico pode ser feita a partir da observação das salas, dos depoimentos das professoras e das fotografias que foi a terceira fonte dessa pesquisa.

As imagens: fatos e lembranças

As fotografias foram encontradas com as professoras durante as entrevistas; são imagens de crianças e professoras em situações do cotidiano das escolas: festas, atividades em sala, passeios e foram utilizadas por nós como uma possibilidade de ilustração daquela experiência.

A partir das imagens é possível visualizar a organização do espaço físico, o mobiliário, os materiais, a expressão das crianças desenvolvendo as atividades, as roupas das crianças e das professoras. Ou seja, as fotografias auxiliaram a pesquisadora a entender e complementar melhor os relatos, pois permitiram um certo *retorno ao passado*.

Além disso, as fotografias funcionaram como uma fonte de recordações que ajudaram as próprias professoras a se lembrarem de vários aspectos do projeto. Foi muito interessante que durante o encontro

realizado em Campo Grande, ao reverem outras fotos, as professoras conversavam entre elas e iam confirman-

⁷ Apesar do projeto casa-escola não mais existir, as salas abrigavam turmas de pré-escola até 1998 quando a rede estadual de educação do Mato Grosso do Sul deixou de oferecer esse nível de ensino.

do, modificando ou acrescentando novas informações àquelas dadas anteriormente nas entrevistas individuais.

Algumas palavras finais

Assim, consideramos que a partir da análise e da problematização desse material- relatos orais, material escrito e iconográfico e observação do espaço físico das salas - pudemos fazer uma descrição inicial dessa experiência que pode ser considerada a pioneira em educação pública para crianças de 3 a 6 anos no estado de Mato Grosso do Sul.

Acreditamos que a partir disso, novas questões podem vir a ser levantadas e aprofundadas, tais como: Por que Montessori? Quais as relações do método com o modelo educacional proposto no momento (tecnicismo)? Qual a relação do método com o momento político

que o país vivia? Como o método foi apropriado no Brasil (ditadura militar)? Quais as influências do método no trabalho com a pré-escola?

É preciso ressaltar que tal pesquisa não teve o objetivo de avaliar a importância do método Montessori, mesmo porque refere-se a uma experiência específica e datada exposta às diversas variáveis de uma determinada cultura.

A nossa preocupação foi destacar a necessidade de se contar a história de uma experiência na educação pública no estado de Mato Grosso do Sul e as fontes utilizadas na pesquisa. Acreditamos estar contribuindo para a ampliação do conhecimento e do debate a respeito da educação das crianças de 0 a 6 anos de idade, assim como sobre as fontes que podem ser utilizadas nas pesquisas sobre essa temática.

Bibliografia

- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. SP: Ed. UNESP, 1999.
- DEMARTINI, Zeila de B. *Relatos orais: nova leitura de velhas questões*. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Ninho, nº 8, 1995.
- FARIA, Ana L. G. *O espaço físico nas instituições de educação infantil*. IN: Subsídios para credenciamento e funcionamento das instituições de educação infantil. Vol II. MEC, Brasília, 1998.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UFP, 2000.
- GALARDINI, Ana Lia. *Avaliação da qualidade no atendimento à infância*. Anais do II Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes- o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. SP: Cia das Letras, 1987.
- KULHMANN JR., Moisés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MARTINS, José de S. *O Massacre dos Inocentes*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MONTESSORI, Maria. *A criança*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- OBRAPE- Organização Brasileira de Atividades Pedagógicas. Rio de Janeiro: 1978 (II ed.)
- OLIVEIRA, Magda S. *Lembranças de infância: que história é esta?* Dissertação de Mestrado. UNIMEP, 1999
- ROSA, Mariete Félix. *A educação das crianças em idade pré-escolar em Campo Grande-MS (1980-1992)*. Dissertação de Mestrado. FEUSP, 1999.
- SILVA, Anamaria S. Políticas de Atendimento às crianças pequenas em Mato Grosso do Sul (1983/1990). Dissertação de Mestrado. FE/UNICAMP, 1997.
- THOMPSON, Paul. 1992. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.